



JAR

Janela aberta para a pesquisa artística

Ana Pais

Ainda são relativamente raras as plataformas de articulação entre a teoria e a prática artística que resultem em objectos não-formatados pela investigação académica ou que incluam os artistas, respeitando as suas modalidades específicas de saber e os seus modos de apresentação. Todavia, a ideia de interdisciplinaridade é antiga e há muito que proliferam os cruzamentos entre a teoria e a prática. Também a comunicação em rede, que tornou acessíveis e manipuláveis muitos recursos textuais e audiovisuais, é hoje parte do nosso quotidiano. Porém, a distância entre modos de produção artística e teórica ainda prevalece. A arte tem sido mais permeável à mudança e mais convicta na exploração de diferentes formatos, deixando-se inspirar por outras formas de conhecimento. Embora a academia venha acolhendo cada vez mais artistas nos seus programas de estudo – alguns desenhados especificamente para eles, tais como os mestrados ou os doutoramentos em artes – as suas leis prevalecem sobre a natureza dos objectos e a prática do saber que lhes é

inerente. Encontrar métodos e formatos que possibilitem associar a teoria e a prática fundada em premissas que valorizem a sua natureza estética é, sem dúvida, um dos desafios da actualidade.

O recente *Journal for Artistic Research (JAR)* é uma publicação *online* que promete colmatar esta lacuna. Interdisciplinaridade, pesquisa artística, produção ensaística, base de dados, artigos com arbitragem científica ou “revisão por pares” (*peer reviewed*), optimização de recursos digitais, estão no centro das linhas programáticas do *JAR*. Lançado o número zero em Março do presente ano, o *JAR* está disponível para consulta e aberta a propostas de artistas e investigadores de todas as disciplinas artísticas em: <http://www.jar-online.net>.

Apresentando-se como uma “tela *online* dinâmica”, esta revista (fará ainda sentido aplicar este termo?) propõe-se criar um modelo de publicação que aproxime objectos e métodos de pesquisa artística, optimizando os recursos digitais na composição de artigos com texto, imagem,

Ana Pais
é bolsreira de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia e autora do livro *O discurso da cumplicidade: Dramaturgias contemporâneas* (Lisboa, Colibri, 2004).

som e vídeo, atribuindo aos investigadores a responsabilidade de definir possibilidades de pesquisa para os seus objectos a partir do que cada um reclama especificamente. Este é o maior desafio do *JAR*, como afirma, no editorial, o seu director Michael Schwab, artista visual e professor no Royal College of Arts (Londres).

Apostando nos recursos multimédia disponíveis em rede, o *JAR* cria um espaço interdisciplinar que, simultaneamente, publica "exposições" (nova nomenclatura que visa demarcar-se dos tradicionais artigos académicos), e reúne trabalhos de pesquisa artística numa base de dados – o *Research Catalogue (RC)*. Enquanto as "exposições" são revistas por pares (sendo a sua assinalável diferença o facto de os pares serem não só académicos mas também artistas), o *RC* é um catálogo de pesquisa artística aberto à participação de todos os interessados, com possibilidade de publicar, depositar e partilhar um número potencialmente infinito de documentos. Este último é o aspecto mais inovador do *JAR*. O *RC* constitui uma base de dados cujo conteúdo pode ser lido, escutado ou visionado. O conjunto desta documentação serve igualmente de pilar de sustentação para as "exposições" mais académicas, em circulação nas futuras edições. Assim que acedemos ao site, o *design "user friendly"* da página demonstra as suas potencialidades de utilização. No topo, encontra-se informação variada sobre a publicação. No centro, o *puzzle* das "exposições" da edição actual evidencia-se pela imagem que as identificam, junto da qual podemos ler os respectivos nomes dos autores e os títulos e clicar numa conveniente sinopse do artigo. Do lado esquerdo, existe uma zona de consulta para as "exposições" ou edições publicadas pelo *JAR* e, do lado direito, o *link* de acesso ao *RC* e subsequente pesquisa. Para além de clara e funcional, a imagem imediata da página traduz a dinâmica e a articulação desejada para a pesquisa artística em si: acessibilidade de conteúdos, registo e arquivo de documentação, abertura a uma participação horizontal, modelos de pesquisa artística em relação directa e pertinente com a natureza dos objectos criados, valorizando, portanto, o saber artístico. Em caso de dúvida relativamente à pluralidade e versatilidade desejada, veja-se o repto lançado aos artistas por Michael Schwab (também no editorial), estimulando a instauração da reflexividade no interior e por meio da prática artística: "Dependendo do seu campo, a palavra "exposição" pode nem sempre ser adequada. Por isso, incentivamo-lo a acreditar que, em vez de expor a prática como pesquisa, a poderá também encenar, interpretar (*perform*), organizar, traduzir, desvendar ou reflectir sobre ela. A operação que escolher aqui é menos importante do que o papel que a sua duplicidade reflexiva pode ter ao criar distância dentro da prática artística, permitindo-nos compreendê-la" (trad. minha). Com esta abertura e instigação à criação de

formatos, o *JAR* desafia os artistas a explorar formas de reflexão e documentação do seu trabalho, respondendo igualmente às necessidades das comunidades (académicas e, em alguns casos, museológicas) no que toca à produção e disponibilização de arquivos e materiais de reflexão.

Dramaturgista e investigador na área da dança, Scott deLahunta é um dos autores publicados na edição zero. Respondendo por *email* à minha curiosidade sobre a relevância da publicação, deLahunta é categórico: "*JAR* é a primeira plataforma séria de publicação para desenvolver o potencial desta forma de pesquisa". A razão para esta afirmação prende-se, segundo ele, com "o nível de experiência dos seus fundadores. Eles compreendem as limitações inerentes à proposta, mas também o seu potencial ao estabelecerem critérios num contexto de produção de saber emergente" (trad. minha). Como seria previsível, no corpo editorial do *JAR* encontramos artistas e académicos e, frequentemente, artistas-académicos. Esta pluralidade de competências não só credibiliza o projecto, como também se torna imprescindível para fazer face a semelhantes ambições. Maioritariamente associados a instituições europeias, os colaboradores do *JAR* reúnem valências díspares e complementares. Por exemplo, um dos seus fundadores, Michael Schwab, formado na área das artes visuais e da filosofia, explora a utilização da tecnologia em vários meios expressivos, desde a fotografia à instalação; Henk Borgdorff (Arts at the Royal Academy in The Hague, Holanda) é professor de estética e teoria da música e é autor de uma vasta colecção de artigos sobre o tema da pesquisa artística; ou ainda, Annette Arlander, uma das pioneiras da *performance art* finlandesa (anos 80), formada em teatro e filosofia, combina, actualmente, a prática pedagógica na Academia de Teatro de Helsínquia com a pesquisa teatral como encenadora.

Uma publicação desta natureza é, sem dúvida, um acontecimento entusiasmante, uma janela aberta para novas possibilidades de criar, pensar, partilhar e articular mundos de hábitos, territórios e ferramentas bastante distintos. Será, pelo menos, o início de uma reflexão de fundo sobre as potencialidades de cruzar saberes, acompanhada por muitos e ansiada por outros tantos. Muito justamente, a sua grande preocupação reside em querer escutar os artistas. O seu modo de pensar é importante para todos e não deve ser moldado aos trâmites e critérios existentes nas academias, o lugar onde, supostamente, o conhecimento é sério e rigoroso. Os artistas promovem um saber que nem todos estão dispostos a ouvir e a considerar como útil ou pertinente para a sociedade, mas é urgente começar a valorizá-lo. Eles, como ninguém, sabem onde procurar o mistério profundo das coisas e dos seres, e, sem eles, ficaremos reduzidos à superfície dos fenómenos e das experiências.